

## Uma exposição a visitar

**Paulo Brighenti, autor do cartaz do 35.º Festival de Almada, tem patente na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea a exposição *Velho Sol*. Para visitar até ao dia 2 de Setembro, de terça a domingo, das 10h às 18h.**



Todos os anos o autor do cartaz do Festival é um artista plástico diferente

© Rui Carlos Mateus

Entre os materiais que dão forma à exposição de Paulo Brighenti na Casa da Cerca encontram-se o linho, o gesso e o aço. Entre as imagens, há caveiras e flores, búzios e palavras – nomeadamente as do poema de Emily Dickinson que a *Folha Informativa* agora publica na íntegra, na tradução de Nuno Júdice. Os versos da poetisa americana serviram de inspiração para a nova série de trabalhos do artista que se encontra patente em três espaços distintos da Casa da Cerca: a Galeria do Pátio, a Capela e a Cisterna. Um con-

junto de pinturas, baixos-relevos e peças tridimensionais que, como escreve Filipa Oliveira no texto de apresentação da exposição, “*falam da condição de ser artista, de criar. De viver entre a necessidade de beleza e de verdade*”. Nesse sentido, Paulo Brighenti parece erguer a sua obra na fronteira entre o perecível e o eterno. Escava no gesso os versos de Dickinson, faz com que formas do verbo *morrer* convivam com esse adjectivo tão cobiçado: *imortal*. Há pássaros que cantam e flores que murcham e desabrocham à beira de ossos

que não desaparecem mais, búzios que resistem ao tempo e têm a missão de guardar a música do mar – e até o título escolhido para a exposição, *Velho Sol*, parece estar lá para nos lembrar que até o astro-rei só existe como eterno retorno, nascendo e morrendo, dia após dia, com a tranquilidade de quem já se conformou com um destino cruel. Paulo Brighenti sucede, como autor do cartaz do Festival de Almada, a artistas plásticos como José Manuel Castanheira, André Gomes, Pedro Calapez, João Vieira, Vespeira ou Graça Morais.

*Morri pela Beleza – mas mal  
[me tinha  
Acomodado à Campa  
Quando Alguém que morreu  
[pela Verdade,  
Da Casa do lado –*

*Perguntou baixinho “Por  
[que morreste?”  
“Pela Beleza”, respondi –  
“E eu – pela Verdade  
[– Ambas são iguais –  
E nós também, somos  
[Irmãos”, disse Ele –*

*E assim, como parentes  
[próximos, uma Noite –  
Falámos de uma Casa para  
[outra –  
Até que o Musgo nos chegou  
[aos lábios –  
E cobriu – os nossos nomes –*

Tradução de Nuno Júdice  
do poema de Emily Dickinson  
*I died for Beauty – but was scarce*

## Uma coreógrafa-encenadora

Olga Roriz estreou-se ontem no papel de orientadora de mais uma edição de *O sentido dos Mestres*. Subjacentes ao seu discurso, estiveram sempre algumas oposições estruturais: teatro e dança, mimetismo e improvisação, técnica e arte. Neste sentido, afirmou sentir-se “*mais encenadora do que coreógrafa*” – tanto pelo papel que as histórias desempenham nas suas criações, como pelo seu método de trabalho – e sublinhou a importância de cada bailarino desenvolver uma lingua-

gem própria, tendo consciência dos seus limites e da morfologia do seu corpo. Mesmo assim, garante que “*somos inesgotáveis*”. A ideia pós-dramática do “*intérprete total*”, que é competente a nível teatral e coreográfico, também esteve em cima da mesa, assim como a necessidade de estar informado e em forma, com “*o corpo desperto*”. No final, houve ainda tempo para recordar o trabalho por detrás de algumas peças, como *Isolda* ou *PETS*, e para falar de coreologia, uma forma de registar por escrito,



O sentido dos Mestres decorre até 12 de Julho

© Luana Ribeiro

como numa partitura musical, os movimentos de uma coreografia. Na sessão de amanhã, Olga Ro-

riz terá a companhia de Catarina Câmara, uma bailarina com quem trabalha há vários anos.

# Sobre teatro, literatura e Mick Jagger

A actriz belga Viviane De Muynck, protagonista de *O quarto de Isabella*, esteve ontem na Esplanada da Escola D. António da Costa para uma conversa com o público moderada por João Carneiro.

**"Isabella é a maior prenda que um encenador pode dar a uma actriz",** afirmou Viviane De Muynck ontem à tarde perante as três dezenas de espectadores que compareceram ao encontro com a actriz. Na origem da personagem, esteve uma ideia de Jan Lauwers, director artístico da Needcompany: a criação de uma versão feminina do protagonista do filme de Michael Cacoyannis *Zorba, o grego*. Por diversas vezes transpareceu a cumplicidade e a admiração que unem a intérprete e o criador. *O poder* foi, em 1995, o primeiro espectáculo que fizeram juntos, mas cedo Viviane De Muynck consolidou a imagem de "madre superiora" ou "rainha-mãe" da companhia. De tal modo que, quando

Lauwers quis levar à cena a sua versão de *Macbeth*, vários actores rejeitaram fazer parilha com a actriz, a quem caberia o papel de Lady Macbeth. Mas as pausas auto-impostas na colaboração de ambos não impedem Viviane De Muynck de considerar Lauwers "um génio" e "um encenador de escolha múltipla", para quem a liberdade do intérprete e do espectador é um valor fundamental. Um dos momentos mais divertidos do colóquio resultou da comparação que a actriz estabeleceu entre a popularidade de Mick Jagger e a popularidade que ela própria conquistou no dia que se seguiu à estreia de *O quarto de Isabella* em Avignon, em 2004. "Nunca me irei esquecer da rapariga que me abordou para me dizer:



Viviane De Muynck e João Carneiro

© Luana Ribeiro

"Você fez com que eu perdesse o medo de envelhecer". *Tornou-se de imediato num espectáculo de culto*", confirmou a actriz. "Isto só me aconteceu três vezes: com *Isabella*, com a *Martha* em Quem tem medo de Virginia Woolf?, e a última vai ser agora com o espectáculo: *War and Turpentine*", acrescentou, como quem adivinha

o futuro. A conversa continuou animada, com várias intervenções do público que levaram Viviane De Muynck a recordar as reacções que o espectáculo obteve nos quatro cantos do Mundo e também a reflectir sobre o que mudou nestes 14 anos. "A única diferença é que agora tenho mais rugas", concluiu a actriz, sempre bem-disposta.

## Encontro da Cerca: Sob o signo da catástrofe

O *Encontro da Cerca* desta edição do Festival acontece já no próximo sábado, dia 14 de Julho, às 10h30, e o programa detalhado já é conhecido. Na Casa da Cerca, em Almada, será possível ouvir três comunicações: *Sismografia das catástrofes naturais*, do crítico literário e ensaísta português António Guerreiro; *Assombrados pela extinção: a*

*ecologia e os seus fantasmas*, do filósofo francês Frédéric Neyrat; e *Depois do fim: a nova ecologia do ser*, do filósofo italiano Giobattista Tusa. Depois de almoço, às 15h, haverá um debate com o público. Estarão em cima da mesa problemas que têm um impacto directo no futuro da Humanidade, como é o caso do ambiente, da economia e do terrorismo.

### AGENDA DE AMANHÃ

0 SENTIDO DOS MESTRES

15:00 **Olga Roriz**  
Casa da Cerca

TEATRO

21:00 **Nada de mim**  
Teatro da Politécnica

21:30 **Bonecos de luz**  
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 **Colónia penal**  
Teatro do Bairro

### RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Carbonada flamenga
- Bacalhau cozido
- Tagliatelle c/ açafrão e molho de manteiga

AMANHÃ

- Massa chinesa
- Sardinhas de escabeche c/ vinagre de framboesa
- Caril de legumes



### Catálogos da exposição CTA: 40 anos em Almada



Conheça a história da Companhia de Teatro de Almada através dos três volumes desta colecção. À venda na livraria do TMJB e na Escola D. António da Costa. Aquisição gratuita para os membros do Clube de Amigos do TMJB.

4€

PREÇO ESPECIAL POR CADA CATÁLOGO  
Promoção válida até 18 de Julho